

CLASSE C: A (DES)ESTABILIZAÇÃO DE SENTIDOS DO NOVO POBRE BRASILEIRO

Raquel Tiemi Masuda Mareco¹

André William Alves de Assis²

RESUMO: Em nossa sociedade as diferenças de classes são marcadas pelas bases capitalistas de acúmulo de renda e exploração da mão de obra. Nesse cenário, o pobre se mostra desde o início dos tempos como força necessária tanto para que a economia seja impulsionada, e a engrenagem social funcione, quanto para que sejam inscritas e reafirmadas essas diferenças sociais por todas as camadas da sociedade. Neste trabalho, sob o viés da teoria das fórmulas discursivas de Krieg-Planque e de estudiosos brasileiros, lançamos um olhar à formação “Classe C”, vocábulos que juntos emanam sentidos diferenciados, contrastantes, polêmicos, de acordo com a circulação e com os posicionamentos em que são inseridos. Nosso *corpus* constitui-se de enunciados diversos coletados na dispersão de materialidades disponíveis na internet, datadas de 2001 até os dias atuais. Neste trabalho, foi possível evidenciar que a fórmula Classe C possui diferentes paráfrases como “Novo Pobre”, “Classe Média”, “Nova Classe Média”, e tantas outras que evidenciaram um material linguageiro relativamente estável, sequência identificável por Classe C, funcionando como lugar comum do debate, como significante compartilhado, e o percurso teórico analítico nos possibilitou observarmos que a fórmula atendeu bem às características de cristalização, inscrição discursiva, referente social e polemicidade. Embora a discussão tenha sido breve, acreditamos que foi possível comprovar que essa construção complexa assumiu posição de fórmula discursiva nos diferentes gêneros explorados, representantes de diversos posicionamentos e campos discursivos emergentes em nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: classe C; fórmula discursiva; pobre.

ABSTRACT: In our society, class differences are marked by a capitalist basis of accumulated income and exploitation of labor. In this scenario, the poor is seen, since the early times, as necessary force for the economy to be driven, and social gear works, along with to be entered and confirmed these differences for all the social strata. In this work, under the bias of the discursive formulas theory proposed by Krieg-Planque and Brazilian scholars, we observed the expression "Class C", words that together can be driven to different, contrasting and controversial meanings, according to the movement and the positions in which these words are inserted. Our corpus consists of various statements collected in the dispersion of materiality on the internet, dating from 2001 to the present day. In this work, it became clear that the formula Class C has different paraphrases as "New Poor", "Middle Class", "New Middle Class", and many others that a relatively stable language material showed, formulation identified as Class C, working as a common place of debate, as shared significant. The analytical and theoretical approach allowed us to observe that the formula has the characteristics of crystallization, discursive inscription, social reference and polemic. Although the discussion was brief, we believe it was possible to prove that this complex construction

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

² Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

formula assumed the position of discourse in different genres explored, representatives from various positions and discursive fields emerging in our society.

KEYWORDS: class C; discursive formula; poor.

1. Considerações iniciais

A grande desigualdade social em nosso país obriga que políticos e outros líderes (religiosos, políticos, sociais, etc.) tentem buscar formas de amenizar essas diferenças sociais existentes entre os padrões de vida do rico e do pobre. Com as mudanças recentes da economia no país, muitas pessoas que antes eram consideradas pobres, com padrão de vida bastante desprivilegiado, isto é, sem conforto, sem lazer, etc., ascenderam à chamada “Classe C”, também denominada em diversos gêneros como “*Nova Classe Média*” ou “*Novo Pobre*”.

Conforme os estudos de Krieg-Planque (2009), uma sequência com mais de um morfema lexical, como *Classe C* ou *Classe Média*, pode ser definido como uma unidade lexical complexa. Por circular em diversos gêneros discursivos e assumir um significante específico para a sociedade atual, essa unidade lexical sai de seu estado “normal” e destaca-se como fórmula.

Fórmula é um conceito proposto pela pesquisadora Alice Krieg-Planque, que consistem em “um conjunto de enunciados ou fragmentos de enunciados que circulam em bloco em um momento determinado e que são percebidos como constituindo um todo, cuja origem pode ou não ser identificada” (2009, p. 66). Ainda, segundo a autora, as fórmulas compreendem quatro propriedades:

- i) a forma relativamente cristalizada;
- ii) a inscrição discursiva;
- iii) a referência social;
- iv) a polemicidade.

Considerando essas quatro propriedades nos estudos de Krieg-Planque (2009) sobre as fórmulas discursivas, buscamos analisar a unidade lexical complexa “Classe C”, quanto aos sentidos possíveis e quanto ao seu estatuto formulaico. Nosso interesse consiste em observar o uso e a circulação da referida fórmula em diferentes gêneros discursivos veiculados na internet desde o ano de 2001 e atestá-la como fórmula discursiva.

Quanto a sua organização, este artigo divide-se em três momentos. Inicialmente, comentamos brevemente sobre a pobreza no Brasil, as condições de produção da fórmula *Classe C*. Depois, abordaremos o conceito de fórmula proposto por Krieg-Planque (2009), realizando o movimento teoria-análise, passando pelas quatro características da fórmula, conforme a autora, com excertos de nosso *corpus* e, por fim, apresentamos nossas considerações finais possibilitadas pela análise.

2. O que é e quem é pobre?

O capitalismo produz relações que são socialmente fundadas na propriedade privada e no trabalho com vistas à acumulação de capital, o que desenvolve uma aceitação social em que tanto o lucro quanto a exploração são comportamentos aceitos em uma sociedade de classes. A ideia de classes e a lógica capitalista de busca por lucro têm como consequência a produção de grandes desigualdades sociais. O Sujeito pobre participante desse processo funciona como a engrenagem dessa sociedade, em parte necessário para que a economia seja impulsionada, para que a engrenagem funcione, em parte para que sejam inscritas e reafirmadas essas diferenças por todas as camadas sociais.

Em nossa sociedade, evidenciamos diferentes atores sociais envolvidos à discussão da pobreza. A mídia, com o olhar atento as políticas do governo; o Estado, por meios de suas políticas públicas, a Igreja, realizando suas obras de caridade, eventos beneficentes; a Sociedade Civil, por meio de suas reivindicações, buscando amenizar as mazelas dessa classe. Os discursos dessas diferentes instituições produzem fórmulas, enunciados ou palavras que circulam com maior ou menor facilidade entre esses e outros campos, apreendendo diferentes perspectivas e formas de se pensar e tratar a pobreza, assim como diferentes acepções de quem são esses pobres, conferindo fortes inferências de subjetivações desses sujeitos na sociedade.

Cada País, sociedade ou grupo social, a seu tempo, terá uma representação do sujeito pobre, assim como os discursos de diferentes instituições representará diferentes concepções de pobreza³. Nesses discursos, faz-se comum a busca por uma amenização desse estereótipo de pobreza, da mesma forma como se luta mais ou menos pela subjetivação não pejorativa desse sujeito.

Ao falar de pobreza nesse trabalho, lançamos um olhar aos discursos que circulam em um momento histórico dado, marcado pela subjetivação de um sujeito pobre em ascensão, assim como os conflitos imanentes dessa subjetivação. Neste momento social, o que se chama de “novo pobre” não é mais o sujeito que sofre ausência de renda, e sim aquele que possui renda, mola propulsora desse sujeito para uma nova classe social denominada “Classe C”. Essa fórmula tem circulado em diversos discursos, diferentes instituições e diferentes gêneros com diferentes posicionamentos. Identifica um novo momento histórico, uma nova classe a que o pobre passa a pertencer, a nova “Classe C” que junto as suas variantes compreendem nosso objeto de análise neste trabalho, um caminho que traz consigo a subjetividade da pobreza representada na imensidão dos discursos que circulam em nossa sociedade, o qual propomos percorrer pelo conceito de fórmula discursiva.

³ Pobreza pode ser vista como falta, ausência, carência e insuficiência de renda; como demanda de assistência; como privação de capacidade, como exclusão e como vulnerabilidade social.

3. O estatuto da fórmula

Conforme Motta e Salgado (2011, p. 5), toda fórmula discursiva comporta uma densidade histórica que se torna visível na sua circulação, apoiada em pré-construídos e voltada a novas construções. Neste mesmo sentido, Benites (2011, p. 256) complementa que um trabalho que envolva fórmulas, envolve, também, uma história e uma sociologia, uma vez que apreende os discursos como produções situadas. São vários os discursos que circulam em nossa sociedade, assim como são vários os gêneros que estruturam os diversos campos em que esses discursos circulam. Observar uma fórmula é ter um olhar atento à circulação de formas lexicais simples ou complexas no todo que compreende a sociedade e o momento histórico em um *continuum* enunciativo.

Afinal, o que são fórmulas? De acordo com Krieg-Planque (2009, p. 111), “uma fórmula é em si um objeto que se situa num *continuum*: uma sequência é mais ou menos fórmula conforme preencha mais ou menos cada uma das quatro propriedades que a caracterizam”.

Vale lembrar que nem tudo o que circula repetidas vezes pode ser classificado como fórmula, como adverte Miqueletti (2011, p. 76):

Clichês, estereótipos, lugares-comuns, *idées reçues* ou qualquer outro “modelo” preestabelecido de pensamento são comumente associados à noção de fórmula. Mas, para Krieg-Planque, não correspondem a uma fórmula em sentido estrito, porque não possuem um significante estável, ao contrário, sua realização verbal é variável. [...] numa abordagem como a de Krieg-Planque, estes subtipos estariam próximos de estereótipos discursivos.

A fórmula, para Krieg-Planque (2009), pode se mostrar pertinente mesmo que não nos atentemos para o fato de que suas significações não são homogêneas, mas sim, múltiplas, às vezes contraditórias, como veremos no decorrer deste trabalho.

Ao tratarmos “Classe C” como fórmula, buscamos suas ocorrências nos diversos campos discursivos existentes na sociedade. Os excertos, títulos, *slogans* e imagens em que encontramos atestam a intensidade com que essa fórmula tem ocorrido em diferentes discursos e em diferentes gêneros, resultado da publicização que a mídia em geral propicia aos diferentes gêneros e discursos. Embora raramente tenham o poder de inventar fórmulas, é a mídia quem as disseminam na esfera social, por isso a mídia possui um papel de operadora ativa na circulação das fórmulas.

Para que determinadas palavras adquiram o estatuto de fórmula discursiva, Krieg-Planque (2009) apresenta quatro características que são mais ou menos necessárias: sua cristalização; sua inscrição discursiva; sua referência social e sua polemicidade⁴, “para que uma sequência possa ser caracterizada como fórmula, é preciso que ela atenda

⁴ Abordaremos cada uma dessas características nos tópicos seguintes.

às quatro propriedades da fórmula. Mas, de um lado, essas quatro propriedades podem estar presentes de modo desigual [...]” (KRIEG-PLANQUE, 2009, p. 111), pode atender mais ou menos a uma característica do que outra, devido a seu caráter heterogêneo evidenciado pela circulação e pelos diferentes sentidos que pode assumir.

Neste trabalho, realizamos nosso movimento teórico-analítico envolvendo cada uma dessas características separadamente. Sabemos que “o léxico é, em seus empregos políticos e sociais, portador de valores, de argumentos, de engajamentos” (KRIEGPLANQUE, 2009, p.30), por isso ressaltamos que os excertos, exemplos e imagens aqui utilizadas possuem outras características discursivas, além das abordadas nas discussões referentes às fórmulas que faremos agora.

4. O caráter (mais ou menos) cristalizado da fórmula

Krieg-Planque (2009) afirma que “uma sequência pode ser mais ou menos cristalizada conforme ela seja percebida mais ou menos claramente como formando um bloco, a partir de uma posição interpretativa razoável” (KRIEG-PLANQUE, 2009, p. 111). Entretanto, essa cristalização implica uma brevidade; não se pode ter enunciados demasiadamente longos, pois, dessa forma, podem não se cristalizar na história, devido à dificuldade de circulação. A autora complementa ainda que “é a concisão que permite à fórmula ser reafirmada ou recusada em bloco, tornar-se parte integrante de uma argumentação” (KRIEG-PLANQUE, 2009, p. 71).

Sendo assim, uma fórmula não existe fora de uma sequência cristalizada bem identificável que as condensa. Porém, essa sequência pode se cristalizar de duas maneiras: a) por meio de alterações em sua estrutura morfológica; b) por meio de suas paráfrases, que podem funcionar, em contexto, como alternativas (KRIEG-PLANQUE, 2009, p. 67-70). A fórmula *Novo Pobre*, por exemplo, cristaliza-se por meio das paráfrases *Classe C* e *Nova Classe Média*, como observamos nos títulos a seguir (grifo nosso):

(01) "**Novo pobre**" de SP é jovem e tem 2º grau⁵

(02) Bom e Barato. O guia do **novo-pobre**⁶

(03) A **classe C** é a classe dos pobre coitados⁷

(04) **Nova classe média** favelada⁸

⁵ Fonte: <http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2001/not20010823p20476.htm>.

⁶ Fonte: <http://bomebarato.wordpress.com/>

⁷ Fonte: <http://www.alphen.com.br/2009/03/18/a-classe-c-e-a-classe-dos-pobres-coitados/>

⁸ Fonte: http://www.vermelho.org.br/1demaio/noticia.php?id_noticia=162823&id_secao=2

As formas lexicais complexas sublinhadas nos enunciados de (1) a (4) são formas parafrásticas que se referem a uma classe social que, após algumas mudanças sociais e econômicas, podem consumir produtos e serviços que antes não podiam, ou que se encontram no mesmo patamar de pobreza.

É a concisão que permite à fórmula circular, no sentido material do termo, é ela que permite à sequência ser integrada a enunciados que a sustentam, a incluem, a retomam, a reforçam, a reiteram ou a recusam. É a concisão que permite à fórmula ser reafirmada ou recusada em bloco, tornar-se parte integrante de uma argumentação (KRIEG-PLAQUE, 2009, p.71).

Essa chamada *Classe C* é aceita (ou rejeitada) por economistas, sociólogos e diversas instituições como *O Novo Pobre*, evidenciando nessa nova classe um novo perfil do pobre brasileiro. Dentre tantas possíveis parafrases, *A Nova Classe Média*, também se refere a essa classe social.

Krieg-Planque (2009) afirma que é por esse caráter cristalizado que uma fórmula se torna identificável, condensando-se em uma sequência discursiva que funciona como denominador comum de discursos, a despeito das formulações flutuantes propostas concorrentemente. Em nossa pesquisa, observamos que a sequência identificável *Classe C* abrange diversas parafrases concorrentes, como as evidenciadas nos exemplos anteriores, mas que segundo Krieg-Planque (2009, p. 74) ser “coconstruída por um material linguageiro relativamente está igualmente necessário a seu funcionamento como lugar-comum do debate, como significante partilhado”.

5. A inscrição discursiva

Conforme Krieg-Planque (2009, p. 81), a fórmula, apesar de materializar-se na língua, não é uma noção linguística, mas sim discursiva, visto que ela não existe sem os usos que a tornam fórmula. Esses usos dizem respeito a sua circulação nos diversos campos, tipos, gêneros e suportes, sendo essa circulação a garantia de sua inscrição discursiva. A autora complementa que o caráter discursivo da fórmula pode ser mais ou menos forte na medida em que os usos determinam mais ou menos o destino formulaico da sequência (KRIEG-PLANQUE, 2009, p. 111).

Sob a ótica de Krieg-Planque (2009), muitas vezes, uma sequência como *Classe C*, já existia antes de adquirir o estatuto de fórmula, ou seja, *Classe C* não é uma sequência inédita, mas, a partir do momento em que essa sequência é posta no âmbito discursivo-social, passa a circular repetidas vezes em materialidades diversas, produzindo diferentes sentidos, sendo estigmatizada (positiva ou negativamente) por seus usuários. Dessa forma, o analista que se propõe trabalhar com fórmulas não deve buscar uma forma nova, mas “um uso particular, ou uma série de usos particulares, por meio dos quais a sequência

assume um movimento, torna-se um jogo de posições, é retomada, comentada [...]” (KRIEG-PLANQUE, 2009, p. 82).

(05). Capa de Revista⁹



(06). Tira Cômica¹⁰



7(07). Notícia¹¹

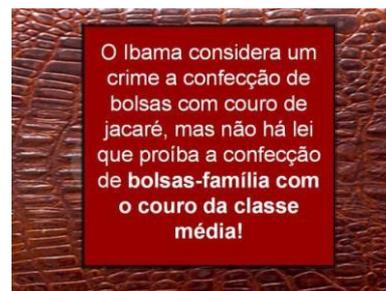
37% da classe C prevê compra de casa em 12 meses



Cerca de 37% da população de classe C no País pretende comprar um imóvel nos próximos meses, segundo o estudo Classe C Urbana do Brasil: Somos iguais, Somos Diferentes, divulgado pelo Ibope. São cerca de 37 milhões de pessoas, entre os quase 100 milhões de indivíduos que fazem parte dessa fatia da sociedade.

Outros cerca de 9,5% pretendem ainda comprar um automóvel nos próximos 12 meses, novo ou usado.

(08). Circulação no Facebook



Diante às afirmações de Krieg-Planque (2009), podemos dizer que o termo *Classe C* não é hoje um termo novo. Ele já existia, mas foi nos últimos tempos que adquiriu o estatuto de fórmula devido a sua inscrição discursiva, comprovada pela materialização dessa locução (substantival/adjetival) nos diversos gêneros e suportes midiáticos, produzindo sentidos diversificados/contrastantes, respostas dialógicas a esses termos. Os exemplos (5), (6), (7) e (8) representam algumas materialidades dentre as quais

⁹ Fonte: <http://historiavermelha.blogspot.com/2011/06/capa-da-carta-capital-desta-semana>

¹⁰ Fonte: <http://www.humordaterra.com/2011/07/11/a-modesta-vida-da-classe-c-parte-2>

¹¹ Fonte: <http://provetumimoveis.blogspot.com/2010/10/37-da-classe-c-preve-compra-de-casa-em.html> ¹² O Programa Bolsa Família foi criado para apoiar as famílias mais pobres e garantir a elas o direito à alimentação e o acesso à educação e à saúde. O programa visa a inclusão social dessa faixa da população brasileira, por meio da transferência de renda e da garantia de acesso a serviços essenciais. Fonte: http://www.caixa.gov.br/voce/social/transferencia/bolsa_familia/index.asp

Classe C e suas paráfrases circularam: uma revista impressa, um site de entretenimento, um título de notícia em um fôlder publicitário de imóveis e uma rede social.

Em (5), trata-se de como a ascensão de muitos à *Classe C* pode gerar mudanças no país. Já em (6), tem-se o humor devido à verossimilhança, ou seja, traduz um sentido contrário em relação à ideologia anterior de que muitos deixaram de ser pobres e desfrutaram de uma vida com mais conforto, aqui a ideia é contrária, de que na realidade os pertencentes a essa nova classe continuam pertencendo à camada mais baixa da sociedade. O exemplo (7) também parece compartilhar a ideia de *Classe C* como uma classe de pessoas que, nos últimos tempos, adquiriram melhores condições financeiras, portanto, planejam a compra de um imóvel, e (8) parece reproduzir uma ideologia elitista em que a Classe Média é sempre prejudicada, trabalhando para os ricos e sustentando os pobres, que necessitam da Bolsa-Família¹².

O caráter discursivo dessas fórmulas evidencia-se pela recorrência de utilização nos discursos, característica que não é estanque e pode variar de fórmula para fórmula. No entanto, essa utilização deve estar acompanhada de duas outras características que veremos a seguir e que também compõe as características da fórmula: o referente social e a polemicidade.

6. A referência social

Para que uma fórmula constitua-se como referente social, ela deve circular na sociedade, no espaço público, por meio de “uma publicização que é assegurada, em boa medida, pela imprensa, pelo rádio e pela televisão generalista.” (KRIEG-PLAQUE, 2009, p. 116), desta forma para que possamos atestar essa característica é necessário perpassar esses meios a fim de atestar a existência da fórmula *Classe C* como referente social.

Krieg-Planque (2009, p. 93) explica que a produção de enunciados derivados e compostos, em que se incluem a descristalização e a palavra valise, implica o locutor “fazer uma aposta no reconhecimento de sua criação lexical e, por isso, levantar a hipótese de que o ‘signo de base’ é suficientemente conhecido para ser reconhecido pelo leitor-interlocutor, mesmo quando esse signo de base aparece maquiado ou mascarado”. Dizer que um signo é ou não conhecido de todos, implica também observar que esse signo faz-se presente em diversos discursos, sejam orais ou escritos, especializados ou não. Observamos agora o exemplo (9). A charge substitui o “se” condicional por “C” de *Classe C*. Essa substituição ao mesmo tempo em que resgata “Classe C” crescente no Brasil (título), posiciona-se como crítica ao conceito estabelecido socialmente, entrando em conflito com os sentidos produzidos em outras formações discursivas, gerando uma tomada de posição diferente daquelas, atestando seu caráter de referente social ao possibilitar sua emergência em diferentes tipos de discursos.

(09).¹²



Outra evidência da fórmula como referente social está inscrita nos enunciados da imprensa com uma marca particular de remissão ao mundo, como os títulos de notícias de estrutura X dois pontos Y ("X: Y"). Com base nos estudos de Mouillaud, Krieg-Planque (2009) explica que a parte da esquerda ("X") é um "enunciado referencial", que remete a um mundo supostamente conhecido pelo leitor. Já a parte da direita ("Y") constitui o "enunciado informacional" do título, é o posto do enunciado, o novo, o presumidamente desconhecido. A autora acrescenta que, devido às características citadas, é parte "Y" que, de certo ponto de vista, justifica a publicação do artigo: "o enunciado informacional pertence ao mesmo gênero que o artigo do qual ele representa um modelo reduzido". O enunciado referencial "X" "mobiliza um suposto saber do leitor" (*Idem*, p. 98). Vejamos dois exemplos com esse tipo de estrutura.

(10) **Nova classe média**: maioria é de mulheres brancas com mais de 25 anos¹³

(11) "A **nova classe média**": preferências econômicas e políticas¹⁴

Diante do exposto, os exemplos (10) e (11) evidenciam a *Nova Classe Média*¹⁵ como o "enunciado referencial", ou seja, a parte do enunciado que remete o leitor a um mundo que o sujeito (produtor do enunciado) supõe que seja pelo leitor (interlocutor) (re)conhecido. A parte depois dos dois pontos é proposta para atrair o leitor com um efeito de novidade em torno do enunciado referencial, no exemplo (10) esse efeito evidencia que a maioria dos pertencentes dessa classe são mulheres brancas e jovens e em (11) a promessa de apresentar as preferências econômicas e políticas dessa classe.

¹² Fonte: <http://www.humorpolitico.com.br/index.php/2011/08/04/>

¹³ Fonte: <http://revistaepoca.globo.com>

¹⁴ Fonte: <http://www.rodrigovianna.com.br>

¹⁵ Lembremos que, conforme explicado no item 1 deste artigo, a *Nova Classe Média* é paráfrase da fórmula cristalizada *Classe C*.

Ainda em relação a essa estrutura (X:Y), Krieg-Planque (2009, p. 99) afirma que “o enunciado referencial designa os acontecimentos, os objetos ou processos exteriores ao jornal, que estão no mundo, e no mundo tal como o leitor supostamente o representa”.

Para que uma fórmula seja vista como referente social, deve circular pelo espaço público; a publicização que a imprensa/mídia como um todo possibilita aos discursos é que permite essa circulação, faz com que a fórmula circule e, com isso, seja veiculada nos mais diversos gêneros.

Segundo Miqueletti (2011, p. 69), “as fórmulas condensam uma massa de discursos, formulações que se equivalem ou não [...] mas que carregam significações prévias e múltiplas (às vezes, contraditórias) e marcam um posicionamento”. É no uso, na referência social que a fórmula assume/adquire ainda outra característica, a polêmica. A autora complementa que essa polemicidade, ou seja, o fato de constituir um objeto de polêmica explícita, é propriedade constitutiva da fórmula, como veremos no tópico seguinte.

7. A polêmica

Em relação a essa quarta propriedade da fórmula, Krieg-Planque (2009, p. 99-100) afirma que “o caráter polêmico da fórmula é indissociável do fato de que ela constitui um referente social: é porque há um denominador comum, um território partilhado, que há polêmica”. Por fazer parte da história, trazer ao centro do universo discussões sobre questões sociais, políticas, etc., a fórmula se veste de polemicidade, traz consigo questões sociopolíticas, que resultam em usos polêmicos, conflituosos, “além de mobilizar os indivíduos para que se manifestem, digam alguma coisa a seu respeito, coloca em discussão a própria subjetividade desses indivíduos.” (BARONAS, 2011, p.118). O diálogo discursivo permite essas subjetividades, pois

[...] a fórmula põe em jogo os modos de vida, os recursos materiais, a natureza e as decisões do regime político do qual os indivíduos dependem, seus direitos, seus deveres, as relações de igualdade ou de desigualdade entre cidadãos, a solidariedade entre humanos, a ideia de que as pessoas fazem da nação de que se sentem membros. Às vezes, a fórmula põe em jogo sua própria vida. (KRIEG-PLANQUE, 2009, p.97)

A polêmica decorre do fato de a fórmula ter um peso na história, trazendo à tona discussões sociais e políticas e possibilitando que as pessoas tomem parte nessas discussões. Dessa tomada de posição resulta a polemicidade da fórmula, visto que elas podem produzir sentidos diversos e até antagônicos, como veremos nos quatro exemplos a seguir:

(12)¹⁶



(13)¹⁷



(14)¹⁸



(15)¹⁹



No exemplo (12), a charge ironiza a ideia de ascensão de classe socioeconômica do brasileiro que circulou nas diversas mídias. Produz-se o sentido de que tudo continua como sempre esteve, a não ser que as coisas ganhem um novo nome (morro = prédio; barraco = apartamento; pobre = classe média), ironizando o termo *Classe C*. No exemplo (13), o site veicula uma pesquisa que demonstra como aqueles considerados como pertencentes à *Classe C* se veem na sociedade. Esse exemplo não se utiliza do humor, mas produz sentidos semelhantes à (12), uma crítica a situação social dessa classe que não vê diferenças, ou seja, tudo continua como sempre foi.

¹⁶ Fonte: <http://tatodemacedo.blogspot.com/2010/10/classe-c-bem-vindo-ao-admiravel-mundo>

¹⁷ Fonte: <http://bustv.com.br/portal/noticias-do-meio/maioria-na-classe-c-ainda-acha-que-e-pobre-dizpesquisa>

¹⁸ Fonte: <http://www.revistaalgomais.com.br/revista/revista>

¹⁹ Fonte: <http://t3.gstatic.com/images>

Já em (14) e (15) os sentidos são completamente diferentes. Em (14), a *Classe C* é um grupo de pessoas cujo poder aquisitivo lhes permite comprarem produtos considerados como supérfluos (no carrinho de compras) e não somente produtos de necessidade básica como alimentos, produtos de higiene e limpeza, ou seja, esse novo pobre não passa mais por privações, pelo contrário ele pode se dar ao luxo de gastar com itens que não compõem a cesta básica. Em (15), a *Classe C* é chamada de a *Nova Classe Média*²⁰. Em relação às paráfrases como essa, Krieg-Planque (2009, p. 101) afirma que “todos os procedimentos discursivos e metadiscursivos contribuem para que a fórmula sirva ao desígnio político que cada qual se atribui; neologismo de sentido, neologismo de forma, reivindicação, repúdio, retorção, reformulação...”. Dialogicamente ligado ao exemplo anterior, esse exemplo chama a atenção a essa nova classe em ascensão, classe que compra, que gasta, que consome, por isso deve ter um olhar atento do mercado de produtos e serviços.

Classe média pressupõe que a sociedade esteja dividida em três classes, dentre as quais ela está no meio, portanto, não compartilha nem da riqueza nem da pobreza, compartilha sim um pouco das duas, de certa forma. Já *Classe C* pressupõe que a sociedade esteja dividida em várias classes, representadas por letras do alfabeto e, sendo assim, que haja duas classes acima dela, A e B, sendo a C uma terceira. Tanto em (14) como em (15), o sentido produzido é de que a *Classe C* constitui-se de pessoas que deixaram de ser pobres, ascendendo socialmente e economicamente, sentido praticamente oposto ao produzido pelos exemplos (12) e (13), nos quais as pessoas identificadas como pertencentes à classe média ou à classe C, não se reconhecem como tais, mas observamos na dispersão de materialidades, enunciados em que esses sujeitos, apesar de não se identificarem como pertencentes a essa classe, satirizam e ironizam essa relação entre a ascensão socioeconômica e a situação de pobreza, evidenciando o caráter de polêmica da fórmula como nos próximos exemplos:

(16)²¹



(17)²²



Nesses dois exemplos (16 e 17), os enunciados verbais/não verbais são contraditórios. No exemplo (16), ao mesmo tempo em que está escrito “Não sou pobre... Sou classe C”, a imagem de fundo é um lugar com condições precárias, com esgoto e lixo a céu aberto, além de duas mãos justapostas com várias moedas, que representa pouco dinheiro, dinheiro contante, ou ainda esmola, salário baixo, falta de dinheiro para

²⁰ Como demonstramos no item 1 deste artigo, esses dois termos circulam como paráfrases.

²¹ Fonte: <http://noobcast.com.br/wp-content/uploads/2010/09/noobcast>

²² http://www.elfucador.com/elfucador_online

necessidades básicas, etc., uma crítica a essa nova classe. Em (17), Tião afirma que agora ele é de classe média, portanto, pode comprar uma roupa nova. Entretanto, o cenário é o de dois homens pedindo esmola e o título “pobreza diminui” ironiza a “Classe Média”. Portanto, a polêmica intradiscursiva nos enunciados é o que gera o humor e a ironia, produzindo o sentido de que seja pelo termo de *Classe C* ou *Classe Média*, o pobre não perdeu seu estatuto de pobre, apenas mudou de nome. Por fazerem parte de posicionamentos políticos que se opõe a essa nova classe social, os exemplos tornam-se polêmicos e conflituosos com os diversos discursos que circulam na sociedade, uma vez que “A questão que as fórmulas carregam são de natureza extremamente variada, assim como são variadas as maneiras de os locutores responderem a essas questões, de tomarem parte no debate” (KRIEG-PLANQUE, 2009, p. 101). Ao atestar ou não *Classe C* ou *Classe Média* como mudança significativa, a mídia produz a história do que é ou não ser *Classe C*, assim como produz modificação do estatuto do que é ou não ser pobre no Brasil.

8. Considerações finais

Mesmo com os diferentes exemplos que buscamos para atestar a circulação da fórmula *Classe C* neste trabalho, sabemos que pelas diversas possibilidades de circulação e as infinitas materializações em gêneros, esses exemplos são de certa forma limitados.

No percurso teórico-metodológico que nos propomos neste trabalho, observamos que a fórmula *Classe C* possui características necessárias à classificação de fórmula discursiva. As diversas ocorrências e posicionamentos diferenciados atestam sua cristalização em formações discursivas diversas, sua inscrição discursiva foi comprovada pela materialização em diferentes discursos e suportes, assim como pela produção de sentidos diversos e contrastantes, a referência social também foi comprovada pela ocorrência significativa e pela publicização midiática atestando sua circulação no âmbito social, e seu caráter polêmico atestou posicionamentos contrastantes, o que resulta em diferentes usos, por vezes conflituosos. As diversas possibilidades de paráfrases como “Novo Pobre”, “Classe Média”, “Nova Classe Média”, e tantas outras evidenciaram um material linguageiro relativamente estável, sequência identificável por *Classe C*, funcionando como lugar comum do debate, como significante partilhado. Ao mesmo tempo em que essa fórmula circula, ela significa.

A fórmula *Classe C* atendeu bem às características de cristalização, inscrição discursiva, referente social e polemicidade, e embora a discussão tenha sido breve, acreditamos que neste trabalho foi possível comprovar que esse sintagma complexo assumiu posição de fórmula discursiva nos diferentes gêneros explorados, representantes de diversos posicionamentos e campos discursivos emergentes em nossa sociedade. Ao atestar ou não *Classe C* ou *Classe Média* como mudança significativa, a mídia em seus discursos diversos produz a história do que é ou não ser *Classe C*, assim como produz modificação do estatuto do que é ou não ser pobre no Brasil.

REFERÊNCIAS

BARONAS, R. L. e GIBIN, F. C. Das condições de emergência da Fórmula: Reforma ortográfica na Mídia. In: MOTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana (Org.). **Fórmulas Discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 111-122.

BENITES, S. A. L. Plebiscitos em revista: a sátira da fórmula. In: BARONAS, R. L.; MIOTELLO, V. **Análise de discurso: teorizações e métodos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 251-263.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de fórmula em análise do discurso: quadro teórico e metodológico**. Trad. Luciana Salazar Salgado & Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2009.

MIQUELETTI, Fabiana. Breves notas sobre fórmulas e citação. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 69-83.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.